

Tales Faria

PT prevê relação 'muito difícil' com o TSE nessas eleições

Essas eleições 2026 prometem ser as que terão o relacionamento mais difícil entre o PT e a Justiça Eleitoral desde a redemocratização do país. A avaliação é do comando nacional do Partido dos Trabalhadores.

Motivo: é que nesse período o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) estará sob a gestão dos ministros Kassio Nunes Marques, como presidente, e André Mendonça, como vice. Ambos foram escolhidos para o Supremo Tribunal Federal (STF) pelo então presidente Jair Bolsonaro (PL), pai do candidato do PL a Presidência da República, o senador Flávio Bolsonaro (RJ).

A esperança dos petistas é que Nunes Marques se revele, na avaliação deles, menos agressivo em relação do PT do que André Mendonça. Este já está sendo alvo de constantes reclamações dos políticos do partido.

São apontadas decisões recentes do ministro Mendonça que os petistas reputam como verdadeira perseguição. As mais recentes foram 1) a determinação de remoção de publicações nas redes sociais que associavam o candidato Flávio Bolsonaro ao crime organizado, e 2) a derrubada de posts que ligavam o senador do PL à escala 7x0.

No caso da menção ao crime organizado, o PT cita vídeos em que Flávio Bolsonaro acusa seu adversário, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de não combater a criminalidade propositadamente e defender até ladrões de celulares.

“O ministro proibiu vincular Flávio com Vorcaro e Flávio com as milícias, por que? É segredo de polichinelo, até o reino mineral sabe. Só falta proibir o Tariflávio”, postou nas redes sociais o vice-líder do

governo na Câmara, Rogério Correia (PT-MG).

No caso da escala 7x0, o argumento da campanha do PT é baseado no projeto que o chefe da campanha de Flávio Bolsonaro, senador Rogério Marinho (PL-RN), apresentou ao Congresso.

O texto propõe a flexibilização da jornada de trabalho por livre negociação entre patrões e empregados. Em tese, segundo o PT, isso pode chegar a que o trabalhador aceite vender todos os seus dias de folga. Ou seja, trabalhar nos sete dias da semana e folgar zero.

Além disso, os petistas apontam que André Mendonça, como relator do inquérito sobre o Banco Master, não teria tomado nenhuma atitude concreta em relação ao fato de Flávio Bolsonaro ter sido flagrado cobrando do dono do banco, Daniel Vorcaro, R\$ 134 milhões para a produção do filme sobre seu pai.

Os petistas reclamam de que Mendonça agiu com dois pesos e duas medidas ao determinar buscas e apreensões imediatas nos endereços do líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), por ele pedido ao ex-sócio de Vorcaro que comprasse um apartamento de R\$ 2,4 milhões destinado à sua filha.

A ordem dentro do PT é acionar força máxima entre os advogados do partido visando se prevenir contra um período “muito difícil” que vem aí pela frente.

Uma das estratégias será buscar formas de se aproximar de Kassio Nunes Marques. Ele deve presidir a Corte até maio de 2028. Depois disso, a partir do segundo semestre de 2029, ele presidirá o Supremo Tribunal Federal.

Fernando Molica

Lula e a fritura em fogo baixo

A provável saída Jacques Wagner (PT-BA) da liderança do governo no Senado revelará que, mais uma vez, Lula (PT) terá usado sua estratégia de deixar que os fatos cuidem de fazer uma inevitável fritura — a imobilidade é uma tomada de posição.

Além de se defender, o senador baiano tem que se preocupar com seu futuro político imediato. Há o risco de, como o ex-governador fluminense Cláudio Castro (PL), sentir-se obrigado a desistir da eleição de outubro quando, em tese, tentará renovar seu mandato.

As convenções partidárias têm que ser realizadas até 5 de agosto; até lá, Wagner torce para que não apareçam novos fatos graves contra ele. O PT não pode se arriscar a perder influência na Bahia, quarto maior colégio eleitoral do país e que, em 2022, deu a Lula 72,12% de seus votos.

Amigo do ex-governador baiano, o chefe do PT tem agido de maneira a não ser acusado de falta de solidariedade com um velho companheiro: telefonou para ele, mandou um #tamujunto, e deixou a bola rolar mansamente na direção do gol defendido pelo senador.

Seria inocência acreditar que, diante das evidências, o presidente, em um ano em que disputará a reeleição, vá bancar a permanência de Wagner em uma função tão relevante, o que até despertaria suspeitas de um suposto envolvimento maior do petismo com o Master. Não faria sentido Lula aceitar receber em seu colo parte da bomba que tem feito estragos principalmente na direita e que feriu seu principal oponente, o senador Flávio Bolsonaro (PL).

Ao mesmo tempo em que telefonou para Wag-

ner, Lula deixou que o petismo tratasse de encaminhar uma solução. De maneira aberta ou nos bastidores, nomes relevantes do partido empurraram o senador baiano para um inevitável abismo — a barulheira nas redes sociais superou as comemorações de torcedores africanos que colecionam zebras na Copa.

Em tempo: o caso Wagner, assim com a admissão, por Flávio Bolsonaro, de suas relações perigosas com Daniel Vorcaro e o lazer “all inclusive” proporcionado pelo banco a Ciro Nogueira (PP) fazem lembrar uma conversa que tive, há muitos anos, com executivos de um então importante banco.

Eles estavam preocupados em saber como evitar a repercussão negativa de determinadas notícias sobre a instituição. Falei algumas obviedades: a necessidade de seguir instruções da assessoria de imprensa e, principalmente, não mentir — o pior que pode acontecer nesses casos (não é mesmo, senador Flávio?) é a descoberta de que a fonte da informação faltara com a verdade.

Ainda acrescentei um comentário digno do Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queiroz especialista em discorrer sobre lugares-comuns com ares de sabichão: a melhor maneira de não arrumar problema com a imprensa é não fazer besteira.

Mas o banco continuou botando números para brincar de pique-esconde, falseou créditos e a instituição foi para as cucuias — seus acionistas continuaram ricos. A história recente brasileira mostra não ser incomum que pessoas poderosas deem um jeito de se livrarem dos rigores da lei, mas arquivamentos de casos nem sempre limpam biografias.

EDITORIAL

Curaçao e Cabo Verde fazem a festa na Copa

A Copa do Mundo de 2026 tem proporcionado histórias que vão muito além dos resultados. Entre elas, destacam-se as campanhas de Curaçao e, principalmente, de Cabo Verde, seleções que chegaram ao torneio sem o favoritismo das grandes potências, mas que conquistaram algo igualmente importante: o respeito internacional e o orgulho de seus povos.

Em uma competição dominada por países com tradição centenária no futebol, a presença dessas duas nações já representa uma conquista histórica. Com populações reduzidas e recursos muito inferiores aos dos gigantes do esporte, Curaçao e Cabo Verde mostraram que organização, talento e espírito coletivo podem desafiar qualquer prognóstico.

Curaçao enfrentou adversários de alto nível e demonstrou coragem em todos os jogos. Mais do que buscar resultados, a equipe representou com dignidade uma população que vê no futebol uma oportunidade de afirmar sua identidade no cenário mundial. A entrega dos jogadores dentro de campo tornou-se motivo de orgulho para os torcedores e exemplo para futuras gerações.

Mas é Cabo Verde quem protagoniza uma das trajetórias mais surpreendentes desta Copa. Considerada uma das seleções menos cotadas para avançar de fase, a equipe transformou-se em sím-

bolo de superação. Os empates diante de Espanha e Uruguai mostraram uma seleção organizada, competitiva e capaz de encarar de igual para igual algumas das maiores forças do futebol mundial.

Para um arquipélago com pouco mais de meio milhão de habitantes, cada ponto conquistado tem um significado especial. O desempenho da equipe mobiliza não apenas quem vive no país, mas também a vasta diáspora cabo-verdiana espalhada pelo mundo. Os jogadores carregam em campo o sonho coletivo de uma nação que se reconhece em sua luta, disciplina e determinação.

A possibilidade de classificação para a fase mata-mata torna essa campanha ainda mais marcante. O que parecia improvável antes do torneio agora é uma possibilidade real graças ao desempenho construído com trabalho e confiança.

Independentemente do que acontecer nas próximas partidas, Curaçao e Cabo Verde já deixaram sua marca na Copa do Mundo de 2026. Seus atletas provaram que a grandeza de uma seleção não depende do tamanho de seu território ou de sua população, mas da capacidade de representar um povo com orgulho, coragem e ambição. São histórias que lembram ao mundo que o futebol continua sendo o esporte onde os sonhos mais improváveis ainda podem se tornar realidade.

Opinião do leitor

Rumo ao Hexa!

O futebol brasileiro ainda respira! Respeitem a gente! Que copa dos brasileiros até aqui. Sensacional! O importante é a garra pra cima. Há esperança. É tempo de torcer muito pela nossa seleção brasileira! Vem hexa. Avante, Brasil!

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.